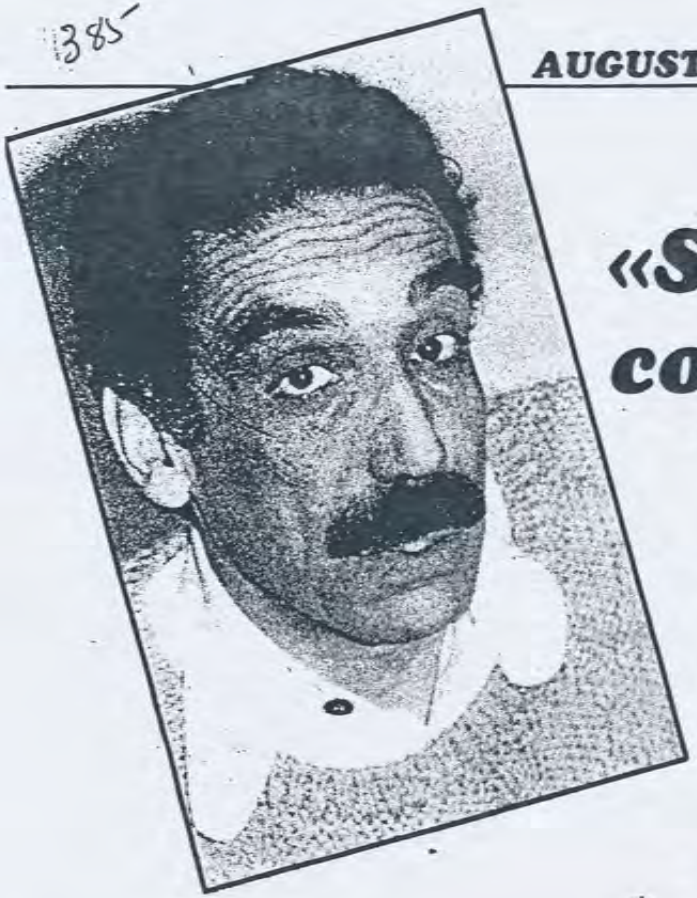
"RECORTE"
ORGANIZAÇÃO PORTUGUESA DE RECORTES DA IMPRENSA, LDA.
DIARIO (O) Lisboa
BENFICA Lisboa
7 MAR 1982
Publicação O DIARIO
Data 7/3/82 Pág.
385

AUGUSTO SOBRAL A «o diário»



«Sempre estive muito preocupado com a autenticidade das coisas»

Augusto Sobral, 48 anos, arquitecto a tempo inteiro, dramaturgo das horas livres, homem atento e participante nas transformações que se operam na sociedade em que vive, é um dos nomes mais importantes da literatura dramática portuguesa contemporânea.
Os críticos teatrais portugueses consideraram o seu texto "Memórias de Uma Mulher Fatal", monólogo actualmente a ser representado por Rogério Vieira, no Teatro do Bairro Alto, um dos dois melhores do ano, a par de "O Judeu", de Bernardo Santareno, levado à cena com êxito no Teatro D. Maria.

José Jorge Letria

À obra de Augusto Sobral somou-se, entretanto, um novo título: "Quem Matou Alfred Mann?", texto iniciado há anos e concluído no princípio de 1980.

"Senti desde sempre um grande entusiasmo pelo teatro, um pouco de lado o trabalho teatral. "A minha carreira teatral – diz – tem naturalmente sofrido com isso e a de arquitecto em certa medida também".

O escritor cita nomes de "gente da Arquitectura" que

falar ao bichinho do ouvido. Em determinada altura sonhou-se com o exercício da violência sobre o espectador e eu penso na prática está longe de ser o melhor processo, ainda que por vezes o espectador a mereça. Sem esse extremo, acho que

pois a aculturação quando já tudo está irremediavelmente no chão. Ou mudamos rapidamente de agulha ou já não temos tempo para aculturar nada. Se calhar, o meu ponto de vista anti-agressivo não é tão pacífico como isso. Enquanto não apon-

ge, num grupo amador de Almada, um texto de Jaime Gralheiro. Para trás ficam colaborações esporádicas com a televisão. De parceria com Ary dos Santos escreve para o "Grupo 4" "Os Macacões" e "O Caso da Mãozinha Misteriosa", experiência que considera "muito positiva".

Rogério Vieira, que foi elemento do TALM e integra actualmente o elenco da Cornucópia, conhecia desde Moçambique o esboço do texto de "Memórias de Uma Mulher Fatal". Insistiu com o dramaturgo para que o concluísse e este, apesar da falta de disponibilidade, aprontou-o para ser estreado. Refez também, acedendo a um convite da SEC, o texto de "Quem Matou Alfred Mann?" e vê-o agora publicado, dois anos depois de ter sido entregue à editora. "Memórias de uma Mulher Fatal" está também prestes a ser dado à estampa.

"TEATRO
PELO TEATRO,

um entusiasmo que é superior a qualquer outro. Realizei as minhas primeiras experiências de escriba ainda na adolescência. Já com uma clara consciência cultural, escrevo uma peça por volta dos 22 anos. Entretanto, mesmo sem publicar, fui escrevendo sempre, principalmente diálogo, o que constituíu um bom exercício de linguagem. Sempre tive preocupações de qualidade. Acho que o teatro tem um campo específico e nele pretendo traduzir muito da minha consciência e da minha situação perante a vida".

Augusto Sobral é, como ele próprio diz, "bastante prolixo". As ideias vão-se encadeando ao longo do diálogo. O escritor torna-se, com frequência, o espectador de si próprio, não se poupando por vezes à auto-ironia. E as palavras vão ficando, abundantes e carregadas de sentido, como um retrato quase de corpo inteiro.

A ARQUITECTURA, O TEATRO

"É certo que terei começado um pouco desarticulado do real que me cercava. Nessa altura o panorama teatral era verdadeiramente confrangedor, até pela total ausência de incentivos. Conheci em determinada altura o dr. Fernando Amado, que dirigia o Teatro Universitário. Eu gostava muito de representar. Muita gente de Arquitectura estava então ligada à actividade teatral, o que espantava certas pessoas, porque havia muito a ideia de que era uma coisa essencialmente ligada às Letras. Eu penso que isto acontecia porque o curso de Arquitectura era, pelo menos nesse tempo, um permanente exercício de imaginação por nossa conta e risco".

A conclusão do curso de Arquitectura e a necessidade de encarar o futuro em termos práticos levam o dramaturgo a pôr tem marcado o mundo do espectáculo: "há casos, desde o Max Frisch até ao Cotinelli Telmo que realizou a melhor comédia até hoje feita em Portugal". E acrescenta:

"A nossa vocação causídica leva a que haja uma tendência em Portugal para o teatro feito por advogados, desde o Ramada Curto até ao Luís Francisco Rebello, isto porque também é uma profissão ligada aos problemas do homem, em que o homem de algum modo está em causa".

Depois de confessar que "já em miúdo tinha um grande fascínio pelo teatro, pelo teatro de bonecos, de fantoches", o escritor afirma:

"Os textos de teatro que tenho publicado estão praticamente todos representados. Numa primeira fase, a mais antiga é "O Consultório" e foi representada em 1961 nas "matinées" do Nacional, com encenação do Artur Ramos, e juntamente com "Pesca à Linha", de Jaime Salazer Sampaio. Um outro texto, de Teresa Rita, foi proibido pela censura. Escrevi ainda nessa fase outras peças que ficaram pelo caminho. Portanto, "O Consultório" era a ponta visível de uma produção de alguns anos".

O PESO DA INTERIORIDADE

Augusto Sobral não oculta o peso que o trabalho teatral, nas suas múltiplas formas, tem na sua vida como criador e cidadão.

"Fascina-me o teatro da interioridade, o que não tem nada a ver com o subjectivismo chocho. Fascina-me o teatro que é capaz de colocar o espectador na sua situação de interioridade, um teatro que, escrito numa base objectiva, interiorize o espectador relativamente a fenómenos concretos. Interessa-me muito o diálogo directo, o o teatro é das expressões culturais mais vivas que existem".

À medida que fala das etapas que marcam a sua obra e a sua vida como escritor de teatro, Sobral emite opiniões sobre questões de fundo que se prendem com o seu modo de estar no mundo.

"Sempre gostei muito de ler aos amigos os textos que escrevo. Alguns criticavam-me por escrever coisas que consideravam muito paradas. Hoje tenho uma informação e uma noção muito diferente das coisas. Para mim o grande fascínio é levantar um personagem, sentindo que ele tem um comportamento próprio. Mais do que a intriga, o grande remanescente do teatro é o erguer da personagem como um ser para ser observado".

"Quebrando um certo estatismo", o dramaturgo escreve "O Borrão", que veio a ter encenação de Morais e Castro, no Cénico de Direito, sendo também incluída numa antologia de novíssimos autores dramáticos portugueses.

"Não me esqueço de que a estreia de "O Borrão", em 14 de Março de 1961, coincidiu com o início da guerra colonial. Eu tinha vinte e tal anos e sem ver um caminho claro à minha frente, tinha que organizar a minha vida. Por isso concluí o curso e arranjei uma profissão. Se tivesse tido convites para representar talvez a situação se tivesse alterado. Nunca cheguei a ter noção do jeito real que tinha para representar. Talvez só por delicadeza não me dissessem que eu não tinha nenhum. Digo isto porque para acreditar sempre tive que me interrogar".

A ironia do escritor adquire por vezes o registo do riso aberto, outras a da alusão amarga. É também com ironia que diz, à maneira de desabafo:

"Chocou-me muito o facto de algumas pessoas a quem saíram as carreiras na rifa perguntarem, logo após o 25 de Abril,

«O exercício social do talento conduz a atroar os ares levado da breca»

pelo que estava na gaveta dos escritores. Isto é passar por cima do sofrimento alheio".

ANTI-AMADORISTA

A peça que agora surge nos escaparates – "Quem Matou Alfred Mann?" — começou a ser escrita há cerca de 20 anos num tom "bastante negativo". "Eu tinha – diz Sobral – um acentuado pendor expressionista. O texto concluía quase pela impossibilidade de viver, pela vitória da agressividade, o que é praticamente o mesmo assunto de "Os Degraus", que embora publicada, nunca foi autorizada pela censura". E acrescenta:

"Há uma constante do meu comportamento diário que é o ódio à agressividade. Não gosto de falar em termos de obra, mas esta é de facto uma constante de todo o meu trabalho. Isto embora seja claro que a vida não se resolve com amabilidades. Penso que em relação à actividade cultural há também uma constante que são as guerras de-tarmos a dedo as pessoas que usam a cultura e as ideias não se sabe bem para quê, viver é uma coisa extremamente perigosa".

O autor confessa-se "muito preocupado com a autenticidade das coisas" e acrescenta que "há o escrever direito por linhas tortas, próprio do pragmatismo da vida que sempre me fez muita confusão". No mesmo tom confessa que "gosto apenas do idealismo que nos abre o campo de visão deste mundo".

Depois de falar da temática desenvolvida em "Os Degraus" e das vicissitudes que marcaram a vida deste texto, Augusto Sobral diz-nos, lamentando a situação que se nos depara no sector teatral:

"Nós, os portugueses, somos muito pouco admirativos, estimamo-nos muito pouco uns aos outros. Isto é o resultado de vivermos numa sociedade extremamente competitiva. Temos um mercado escassíssimo onde as pessoas morrem aos 80 anos ou muito antes com o osso na boca e a rosnar. No meio disto tudo sou profundamente anti-amadorista. Entendo que tem de haver um empenhamento total em tudo. Parece-me também difícil uma vida cultural autêntica com as pessoas a funcionarem só por padrões. No fundo, verificamos que normalmente o exercício social do talento leva a um atroar os ares que é levado da breca".

Entre 1972 e 1974 Augusto Sobral esteve em Moçambique, cumprindo um contrato profissional. Colaborou activamente durante esse período com o Teatro Amador de Lourenço Marques, dirigido por Mário Barradas. Nesse grupo dirige a peça do irlandês Sean O'Casey "Histórias da Hora de Dormir". Depois de regressar a Lisboa, já após o 25 de Abril, colabora com Fonseca e Costa nos diálogos do filme "Demónios de Alcácer Quibir" e diri-

NÃO!"

"Não estou de forma alguma no teatro pelo teatro. Cada vez mais para mim a questão primordial é da edificação de uma sociedade nova, a construção de um civismo que a desagregação política deste país corroeu até ao tutano. Construir essa sociedade leva tempo e são precisos muitos contributos, ainda que pequenos. O que não se pode é perder de vista os objectivos finais por causa dos acidentes de percurso. Acredito que o teatro pode ter um papel importante a desempenhar em tudo isto". Usando a mesma linguagem clara e directa, afirma:

"Não gosto nem nunca gostei de modas. Entendo que há esforços continuados e não modas. Há certas pessoas que se colam às modas e depois só retiram das coisas um grande vazio e uma grande decepção. Em relação ao teatro acho também indispensável referir que acho que existe uma arte de actor que não é apenas debitar um texto sobre um cenário e um figurino. É uma arte e não um somatório de técnicas, que tem uma didáctica muito mais complexa do que por vezes nos querem fazer crer".

Comparando o teatro que se fazia há 30 anos com o que se faz hoje, Sobral declara:

"Naturalmente que uma coisa não tem nada a ver com a outra. Comparando-as, até parece que estamos em Paris. Verifica-se um enorme interesse da camada jovem pelo teatro. O público deixou de ser o público tradicional, pelo menos na capital". E conclui:

"Acho que um indivíduo tem obrigação de responder a 100 por cento às solicitações que lhe colocam. Mas há caminhos que numa ética social deviam estar à partida vedados. Para mim, como sempre disse aos grupos amadores que dirigi, tão importante como fazer o espectáculo é o convívio entre quem o faz".